

ALGUMAS REFLEXÕES A RESPEITO DO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

DEROCINA ALVES CAMPOS SOSA^{*}
ALESSANDRA RODRIGUES LOBO^{**}

RESUMO

Nosso objetivo com este artigo é fazer uma análise acerca do novo paradigma educacional. Além disso, tentaremos identificar o papel do professor neste modelo atual de educação e, com isso, verificar de que forma o professor pode atuar nesta sociedade emergente que chamamos de Sociedade da Informação e da Comunicação.

1 A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE SEUS PENSADORES

É indiscutível que a educação é a chave para o desenvolvimento de uma sociedade. E hoje, principalmente na era da Sociedade da Informação e da Comunicação, em que tudo se transforma no clicar de um *mouse*, é possível dizer que a educação tornou-se vital para o crescimento social e que sem ela só há estagnação e exclusão. Nos últimos anos, muitos estudos foram publicados a respeito da educação. Estudos apontam para uma educação voltada para a vida das pessoas, interessada em formar cidadãos, que seja capaz de incluir segmentos tradicionalmente excluídos pela sociedade, entre eles, por exemplo, os portadores de necessidades especiais. Segundo Mittler (2003), “a pobreza e as desvantagens sociais atuam como forças de exclusão educacional. Cabe ressaltar então que, bem como a raça e a classe social, o não acesso à educação exclui da mesma forma”.

O autor também nos convida a repensar a questão da inclusão na escola, fazendo uma crítica a esta, cuja estrutura não se modifica para receber uma diversidade cada vez maior de alunos, ela apenas os

^{*} Professora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI-FURG; doutora em História do Brasil – PUCRS. E-mail: derocinacampos@hotmail.com.

^{**} Acadêmica do Curso de História – Licenciatura – FURG; bacharel em História – FURG. E-mail: alessandralobo@msn.com.

integra numa estrutura já preestabelecida. A inclusão, na verdade, “é baseada em um sistema de valores que faz com que todos se sintam bem-vindos e celebra a diversidade que tem como base o gênero, a nacionalidade, a raça, a linguagem de origem, o nível de aquisição educacional ou a deficiência” (MITTLER, 2003). Assim, a importância fundamental de formar docentes capazes de enfrentar essa realidade sociocultural. Sobre esse e outros aspectos, Imbernón afirma:

A nova formação (docente) deveria girar sobre um eixo: a relação teoria-prática educativa. A formação não deveria realizar a tarefa tradicional de transmitir o “conhecimento objetivo”, mas deveria dar mais importância ao “conhecimento subjetivo”, assumindo um compromisso que vai além do meramente disciplinar e técnico para afetar os âmbitos pessoal, cooperativo e social (apud GONZÁLES, 2002, p. 245).

Assim modifica-se o conceito de ensinar e, por consequência, as premissas que envolvem a formação docente a partir das universidades, já que estas proporcionam atualmente maior interação com a realidade escolar.

Nas universidades, de algum tempo para cá, tem se transformado o discurso acerca da educação, ou seja, não é mais aceita aquela educação tradicional, em que o professor é detentor de todo o conhecimento e o aluno só começa a aprender quando entra na escola. O novo paradigma educacional vê o educador como um mediador e, além disso, considera os conhecimentos prévios dos alunos. Dessa forma, não apenas é considerado aquilo que o aluno traz de casa, de seu meio, mas também esse conhecimento é aproveitado para estimular a sua motivação, e com isso ele será capaz de buscar novas descobertas.

Nesse sentido, podemos destacar o conceito de mediação do teórico russo Lev Semenovitch Vygotsky. Esse conceito é de suma importância para compreensão das suas concepções sobre o funcionamento psicológico. O autor acredita que a mediação seria um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação. De acordo com tal conceito, podemos vislumbrar, na educação, o professor como mediador entre o saber instituído e o aluno. Nessa perspectiva, o educador deixa de ser o transmissor do conhecimento e passa a ser o mediador deste. Assim, o conhecimento deixa de ser apenas acumulado e decorado e passa por um processo de interação entre o aluno e o professor. Nesse processo, ambos aprendem. Dessa forma, o aluno aprendente deixa de ser espectador e começa a ter interesse próprio pelo saber. O professor cria situações-problema que envolvem os alunos, que os instigam e, por sua vez, os motivam para

aprender (OLIVEIRA, 1993).

Outro aspecto que chama atenção para Vygotsky é o que ele chama de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) do aluno, em que defende que é nesta zona onde a escola pode atuar, pois é quando se utiliza dos conhecimentos prévios dos alunos para incitá-los ao aprendizado de conhecimentos sistematizados. Segundo Oliveira, em seus estudos acerca da teoria de Vygotsky,

a zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento proximal é, pois, um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que uma criança é capaz de fazer com ajuda hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã (OLIVEIRA, 1993).

Nessa perspectiva, temos também o construtivismo, modelo que está em voga já há algum tempo e que assume a discussão e a necessidade de centrar o conhecimento no aluno, nas suas experiências de vida. Nele, a produção do conhecimento em aula ressalta uma nova relação entre professor, aluno e conhecimento que se espera reinar no ambiente escolar. Rompe, por sua vez, uma visão autoritária, meramente transmissora de informações, para uma relação democrática e construtora de representações. Moretto acredita que “os novos rumos da educação brasileira apontam para a busca da formação de um novo profissional e de um novo cidadão [...] um ensino com foco no desenvolvimento de habilidades intelectuais que levem à aquisição de competências profissionais” (MORETTO, 2003).

Ao encontro dessas idéias, cabe lembrar Perrenoud. Para ele as competências são aquisições, aprendizados construídos. Nesse sentido, podemos dizer que o professor competente em suas ações faz que seus alunos sejam competentes em suas aquisições. Para o autor, “trabalhar enfocando as competências significa mudança no foco do ensino. Ao invés da memorização de conteúdos, o aluno irá exercitar suas habilidades, que o levarão à aquisição de novas competências” (PERRENOUD, 1999).

Outro trabalho que serve de norte para professores comprometidos com uma educação de qualidade, buscando aquisição de competências, é o de Edgar Morin. Seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* trata dos sete buracos negros da educação. O primeiro buraco, em especial, diz respeito ao conhecimento. Nele, o autor diz que o maior problema detectado é o erro e da ilusão, visto que o conhecimento “nunca é um reflexo ou espelho da realidade. O

conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução”. Além disso, aborda a questão da percepção como uma reconstrução e, dessa forma, torna-se individual, pois varia de acordo com a vivência e os significados que cada indivíduo elabora. Outro buraco negro da educação constatado pelo autor é a identidade terrena. O autor acredita que nossa missão, diferentemente do que acreditavam Descartes, Bacon e Marx, não é mais a de conquistar o mundo. “Nossa missão se transformou em civilizar o pequeno planeta em que vivemos”. Como educadores, temos de ensinar a condição humana para nossos alunos, ensiná-los a progredir na sua autonomia, na sua participação comunitária e na preservação da espécie (MORIN, 2002).

Cabe lembrar o quanto é importante situar o aluno no universo, mostrando, por exemplo, através da educação ambiental, entre outras, que somos parte desse cosmo e que temos a missão de preservar o planeta para nosso próprio bem e sobrevivência. Em suma, Morin nos mostra, a partir dos sete saberes da educação, como construir uma educação integral do ser humano; como promover uma educação que privilegie a inteligência geral e que supere a antinomia do conhecimento especializado e da falsa racionalidade.

Nessa perspectiva, percebemos também no discurso de Assmann a questão da educação atual, isto é, uma educação preocupada em formar competências nos alunos, ou, como ele mesmo prefere se referir, no aprendente¹. O autor nos explica que a expressão sociedade aprendente “pretende inculcar que a sociedade inteira deve entrar em estado de aprendizagem e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas”. Além disso, aborda a questão das tecnologias da informação e da comunicação na sociedade aprendente, e os elos que se criam e se quebram dentro desta sociedade. Tem como preocupação a função da educação solidária, já que “os seres humanos não são ‘naturalmente’ tão solidários quanto parecem supor nossos sonhos de uma sociedade justa e fraternal”. Acredita o autor que junto às novas tecnologias também “estariam chegando inéditas chances de ampliação efetiva da solidariedade universal entre os seres humanos” (ASSMANN, 2007).

2 OS DESAFIOS PARA O ENSINO E A DOCÊNCIA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Segundo Morin, “a grande inimiga da Educação é a falta de preocupação em ensiná-la. Na verdade, isto está se agravando, já que o individualismo ganha espaço cada vez maior” (2002). Sábias palavras

¹ Aprendente significa aquele que se encontra em constante estado de aprendizagem.

do autor, visto que nesta sociedade da informação o acesso ao saber está a um clique, mas isto, se usado com sabedoria, vem para agregar valores e multiplicar saberes, facilitando assim o modo de incentivar nossos alunos cada vez mais distantes da escola atual.

Cabe ao educador mostrar ao aluno que o bater das asas de uma borboleta em Rio Grande traz consequências no Japão, pois estamos todos inseridos num só contexto, onde um depende do outro e onde um é responsável por si e pelo que acontece ao outro. Morin nos adverte que “é preciso mostrar que a humanidade vive agora uma comunidade de destino comum” (2002).

Dessa forma, chamamos a atenção para a realidade que nos cerca fora das universidades, pois, embora muito do que foi falado acima seja de fundamental importância para a formação de nós professores, ou como preferimos chamar, nós educadores, ao sair da academia e entrarmos numa escola, seja ela privada ou pública, pouco vemos de novo. Muito pelo contrário, assistimos a aulas iguais às que vimos há uma década ou mais. O pior dessa constatação é que essa aula “ultrapassada”, digamos assim, é dada por profissionais que outrora possivelmente a criticaram. A prática é o avesso da teoria. É preciso transpor a teoria e agir de acordo com seus ideais.

Com todos os recursos que temos e com toda velocidade de informações que nos cercam, cabe ao profissional da educação adaptar-se a essa sociedade da informação e fazer uso consciente dela. Esquecer datas e vultos, memorização de conteúdos, e criar competências para que os educandos possam formar suas próprias idéias e opiniões, pois isto sim é primordial para o conhecimento e crescimento intelectual do aluno-aprendente.

No que concerne às habilidades que alunos e professores devem adquirir, estão aquelas relacionadas à aquisição de uso das mídias digitais, de forma que haja interação entre eles, ou, dito de outra forma, reconhecer nesse campo potencialidades criadoras de autonomia de discentes e docentes.

Os professores da sociedade atual não podem ignorar que seus alunos utilizam a Internet, por exemplo, que mediam seus conhecimentos a partir de informações coletadas em meios que vão além do livro impresso. Se ignorarem esse fato, estarão invariavelmente descontextualizados e perderão oportunidades preciosas de adentrar no universo de seus alunos. Professores atualizados com as novas dinâmicas comunicacionais oportunizam trabalhos de pesquisa aos seus alunos que estes poderão realizar com apoio da Internet. O diferencial que deve efetivamente ser considerado pelo professor é a capacidade dos alunos em procurar a informação, processá-la e devolvê-la em

forma de análise escrita e/ou oral. Isso desqualifica a simples retirada da informação de uma página da *web*, por exemplo, ou seja, o aluno não irá simplesmente se apropriar da informação e da ideia e tomá-la como se fosse sua, mas irá trabalhar sobre ela, aperfeiçoá-la, recriando uma nova forma de decodificar esse conhecimento, e com isso irá apreender o mais significativo da sua essência.

Sobre essa nova sociedade que se impõe, e que impõe à Educação um paradigma diferenciado de desenvolvimento das ferramentas de aprendizagem, e ainda, de como essa mesma Educação e as novas tecnologias interagem, Lévy apresenta algumas constatações:

A primeira diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e *savoir-faire*. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estará obsoleta no fim de sua carreira. A segunda constatação, fortemente ligada à primeira, diz respeito à nova natureza do trabalho, cuja parte de transação de conhecimentos não para de crescer. Trabalhar, quer dizer cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimento. Terceira constatação: o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades visuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (LÉVY, apud PONTES, 2004, p. 18-19).

A Educação está, dessa forma, balizada por esses novos conhecimentos, de cuja formação o professor não pode declinar, sob o risco de transmitir um discurso no mínimo obsoleto aos seus alunos. Parafrazeando Edgar Morin (apud COELHO, 2002): “fazer parte dessa sociedade implica, além do domínio dos suportes tecnológicos, um ininterrupto processo de construção e reconstrução do conhecimento”. Esse conhecimento é apropriado pelo professor que tem acesso a leituras que o instiguem, provoquem nele a necessidade do constante desenvolvimento profissional.

Os professores preparados para desenvolver nos seus alunos o espírito investigativo aprendem mais, dinamizam sua metodologias de ensino, reconhecem-se como profissionais em construção.

O papel, portanto, que cabe à Educação e aos seus gestores necessita posicionar-se, compreendendo essas mesmas transformações, auxiliando o indivíduo a garantir seu espaço de cidadão na sociedade hodierna, por isso a importância da formação docente e da Educação Continuada nesse processo. Nóvoa nos apresenta a seguinte

constatação que remete sem dúvida a uma série de indagações a respeito da formação docente:

essa [a formação] não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (NOVOA, apud PONTES, 2004, p. 31).

Assim, tecnologias, novas mídias comunicacionais, formação inicial e continuada de docentes, gestão educacional comprometida com a formação de cidadãos adquire conotações até então inimagináveis para um contexto de profundas mudanças estruturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomar os debates acerca da Educação nas sociedades atuais é sempre desafiador; no entanto, dialogar com os seus pensadores nos provoca e nos desacomoda. Refletimos como a nossa prática docente está, de que forma estamos desenvolvendo os nossos conhecimentos dentro e fora das salas de aula.

Quando colocamos a desacomodação estamos nos referindo a uma concepção no mínimo ultrapassada de que saíamos formados das Universidades, prontos para atuarmos nas escolas sem a necessidade de darmos continuidade à nossa formação. Esse conceito na sociedade do século XXI caiu e com ele uma série de pilares atrelados ao *notório saber* dos professores.

Os alunos hoje questionam mais seus professores, estão cercados de máquinas, computadores, informações virtuais, entre outros, e é com essa realidade que os professores se deparam quando chegam às salas de aula, notadamente menos interessantes que as páginas da Internet.

Para rompermos então com situações que geram conflito e que não contribuem para que se estabeleça de fato e efeito o processo de ensino-aprendizagem, é que se torna mister buscar, nos elementos da informação e da comunicação atuais, subsídios em favor do professor. Dito de outra forma, não pode e não deve o professor na sociedade de nosso tempo ver a Internet e seus vários recursos como inimiga, e sim explorar a capacidade dos seus alunos na sua utilização, orientando o trabalho, potencializando aptidões que tornem os alunos independentes e capazes de gerir também a sua formação.

Os desafios, portanto, estão postos, e nós, educadores, provocados a aceitá-los.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- COELHO, N. O Conhecimento, a Educação e a transdisciplinaridade sob a ótica de Edgar Morin. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://edgarmorin.secsp.org.br/arquivo/default.asp>>.
- GONZALES, José Antônio T. *Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MITTLER, Peter. *Educação inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MORETTO, Vasco Pedro. *Construtivismo: a produção do conhecimento em aula*. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky – aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.
- PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PONTES, Aldo. *Educação e formação de professores: reflexões e tendências atuais*. São Paulo: Zouk, 2004.